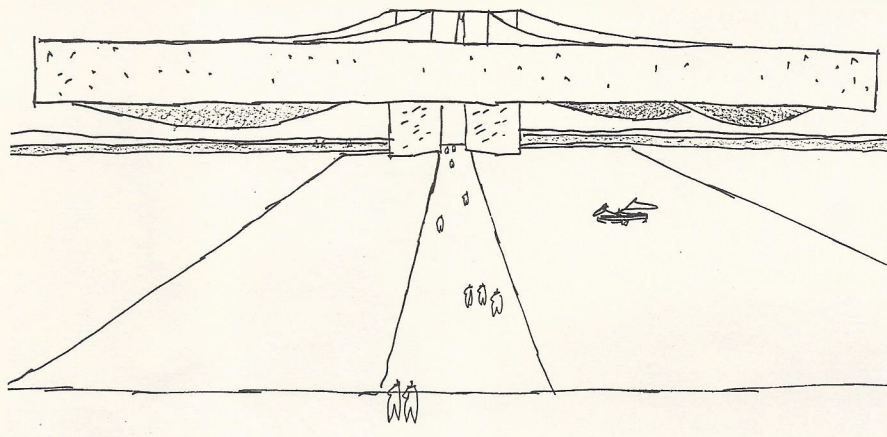


Niemeyer: me pedem um projeto, depois fazem um concurso



Evitando criticar os concursos, o arquiteto Oscar Niemeyer achou estranho e injustificável a decisão da Procuradoria do Estado da Guanabara de abrir um concurso para o projeto do Centro das Artes do Aterro do Flamengo, que ele próprio já havia projetado, de acordo com uma encomenda do governador do Estado. Para Niemeyer, os concursos são importantes porque oferecem oportunidade de trabalho a todos, principalmente aos jovens, mas não entende por que "convidar um arquiteto que

está no exterior para elaborar um projeto, obrigá-lo a assumir compromissos com escritórios técnicos locais e depois comunicar-lhe, passivamente, que o procurador do Estado exige concurso".

Lembrando que o seu projeto para o Centro das Artes já havia sido anunciado em novembro do ano passado pelo secretário do Planejamento, Francisco de Melo Franco, como "uma obra completa e perfeita". Oscar Niemeyer que atualmente vive em Paris, explica:

"Estudei o Centro das Artes do Rio por solicitação do secretário do Planejamento, que, em nome do governador, convidou-me para projetá-lo. Depois meu projeto foi aceito oficialmente; uma comissão de artistas e intelectuais, organizada pela Secretaria do Planejamento, o aprovou e o próprio governador o exibiu na televisão. Agora fui informado de que o procurador do Estado exige concurso público e que nem as decisões anteriores, com as quais o governo do Estado se comprometeu, nem o fato de que outros projetos, com menores razões, foram eximidos dessa formalidade, influíram na sua deliberação".

O **Arquiteto** publicou, no número 4, o projeto feito por Niemeyer para o Centro das Artes, juntamente com um depoimento seu, onde ele explica a concepção da obra. O projeto reunia três auditórios e salas anexas num único "foyer", com locais de exposição e bares. Sua construção estava prevista num prazo de três anos e já havia uma dotação inicial de 20 milhões de cruzeiros para o início das obras.

Presidente do IAB/GB fala do problema da habitação popular

Em "Opções 76", promoção do jornal "O Globo", o presidente do IAB/GB, José Ricardo Serran falou da participação efetiva da população e da necessidade de pesquisas para resolver os problemas da habitação popular no Brasil. O IAB participou do encontro a convite de Rubens Costa, presidente do BNH. Serran falou "também em nome do Conselho Superior do Instituto de Arquitetos do Brasil, uma vez que o Departamento da Guanabara é a unidade estadual do IAB, responsável pela condução dos entendimentos com o BNH". Este é o texto de sua palestra:

Entendemos que "OPÇÕES PARA 76" oferece uma excelente oportunidade para meditarmos sobre dois importantes aspectos de uma política de habitação que, até agora, não foram considerados devidamente pelo país, a nosso ver.

Referimo-nos à **pesquisa** e à **efetiva participação da população** na definição de seus destinos, no caso, de seu habitat.

Mesmo levando em conta as grandes diferenças existentes entre os Estados Unidos da América e o Brasil, não podemos deixar de insistir na necessidade de se iniciar, o quanto antes, o estudo sistemático de nossa realidade habitacional e urbana.

Estamos cientes do esforço que vem sendo feito pelo Ministério do Interior através de instrumentos como o Centro Nacional de Pesquisas Habitacionais, o Sistema de Informação para o Desenvolvimento Urbano e Local ou mesmo o Projeto Rondon, proporcionando relatórios preliminares de alguns municípios.

O próprio Instituto de Arquitetos do Brasil, no correr de 1972, teve oportunidade de colaborar com o Banco Nacional da Habitação no estu-

do de alguns casos específicos, quanto ao todo.

A despeito disso, somos levados a considerar o esforço para a pesquisa como pouco significativo face às necessidades do próprio sistema habitacional e de desenvolvimento urbano.

É sabido, por exemplo, que o Plano Nacional de Habitação Popular, lançado no início de 1973, pretende construir, nos próximos dez anos, 2 milhões de unidades habitacionais; vale dizer, uma média de 200.000 habitações anuais. É pacífico, também, que até o momento o Sistema Financeiro da Habitação proporcionou uma média anual de umas 100.000 unidades. Em outras palavras, o desafio que o governo se propõe é o de triplicar o ritmo do sistema, no próximo decênio.

Os modelos vigentes até aqui demonstraram inúmeras falhas que são do conhecimento do governo e do público geral e que não cabe aqui explicitá-las. Devemos tão-somente concluir que existe uma urgente necessidade de se buscar modelos alternativos, o que não quer dizer abandonar os atuais. E isso entendemos que só poderá ser logrado com a **pesquisa** permanente, sem preconceitos e cada vez mais intensa.

Pesquisa que relacione efetivamente o problema habitacional ao contexto da problemática do desenvolvimento urbano, pesquisa que busque modelos brasileiros para respostas à nossa realidade e que, fundamentalmente, se apóie no trabalho de equipes interprofissionais brasileiras para que possamos exportar o know-how no setor, dentro do que vem sendo perseguido pelo Banco Nacional da Habitação.

Mais ainda: essa pesquisa não deve

ficar restrita aos gabinetes e escritórios particulares. Nós, arquitetos, aprendemos desde cedo que, para se projetar uma casa é preciso conhecer a família que nela vai morar, vale dizer, discutir com os futuros moradores todos os ângulos da questão, desde os meramente financeiros até mesmo os psicológicos que compreendem sua nova moradia.

Extrapolando esta atitude para o projeto de grandes conjuntos habitacionais, ou de comunidades, no caso do planejamento urbano, é fácil se compreender o porquê da nossa insistência pela consulta aos interessados, através de pesquisas; não é possível se alcançar bons resultados sem o conhecimento dos desejos, prioridades, hábitos, etc. da comunidade que se pretende beneficiar.

E isso não vem sendo realizado a contento, a nosso ver.

O Instituto de Arquitetos do Brasil, após uma luta de quase dez anos com o Banco Nacional da Habitação, tem encontrado nos atuais responsáveis pela política habitacional do país uma receptividade maior às suas teses, o que nos deixa mais tranquilos.

Esta questão da pesquisa já foi objeto de reuniões das duas entidades, tendo o IAB sugerido ao BNH uma relação preliminar de pesquisas, atendendo à solicitação do presidente Rubens da Costa.

Estamos no momento aguardando o término da I Bienal Internacional de Arquitetura — exemplo marcante do que pode resultar da conjugação de nossos esforços para retomar com o BNH o diálogo no sentido de que seja montado dentro do Sistema Financeiro da Habitação e de desenvolvimento urbano um subsistema de pesquisa adequado às necessidades do país.